



No esforço de compreender um traço paterno — a capacidade de “ler as pessoas” — o menino resolve escrever um livro de memórias. Em meio às lembranças de palpites certos do pai sobre a inocência de um cigano, a má intenção de dois rapazes, o resultado de uma partida de futebol, a história revela a construção do vínculo entre pai e filho.



BARCO
A VAPOR

O homem que lia as pessoas

João Anzanello Carrascoza

O HOMEM QUE LIA AS PESSOAS • JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Ilustrações
Nelson Cruz



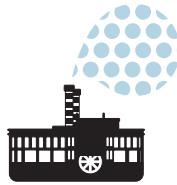
1 6 8 6 5 5

ISBN 978-85-418-1009-8



9 788541 810098





BARCO
A VAPOR

O homem que lia as pessoas

João Anzanello Carrascoza

Ilustrações
Nelson Cruz



© João Anzanello Carrascoza, 2006

Coordenação editorial: Cláudia Ribeiro Mesquita

Preparação: Bruno Zeni

Revisão: Marcia Menin

Edição de arte: Laura Daviña e Natalia Zapella

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: Completar gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carrascoza, João Anzanello

O homem que lia as pessoas / João Anzanello Carrascoza;
ilustrações Nelson Cruz. — 2. ed. — São Paulo: Edições SM,
2015. — (Coleção Barco a Vapor. Série Azul)

ISBN: 978-85-418-1009-8

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Cruz, Nelson.

II. Título. III. Série.

15-03677

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantil 028.5

2. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição agosto de 2007

2ª edição 2016

2ª impressão 2018

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

*Para meu pai, André, que partiu,
e para meu filho, Lucas, que aprendeu
a ler e a escrever.*





A watercolor illustration of a clothesline against a light green background. On the left, a pair of orange and blue gloves hangs from a clothespin. On the right, a white cloth with a green striped hem hangs from two clothespins. The top left corner shows a brown, scalloped edge, possibly a roof or a decorative border. The bottom of the page shows a glimpse of a neighborhood with houses and trees.

A

TEM GENTE QUE LÊ JORNAL. Só a primeira página. Ou o jornal inteirinho.

Tem gente que lê revista. O Luiz, nosso vizinho, todo domingo aparece com uma montanha delas. Algumas são de mulher pelada, eu já vi, mas não espalhe, não. Ele pode ficar chateado comigo.

Tem gente que lê romances sem parar, igual à minha mãe, que trabalha na Biblioteca Municipal. Por onde ela anda em casa, vai deixando livros. Outro dia, achei um pendurado no varal.

Tem gente que lê as linhas da mão, como a cigana que passou por aqui, com a família, numa carroça.

Tem uns índios da Oceania que leem o casco das tartarugas.

Tem também uns índios da América do Norte que leem as nuvens. Deve ser legal. Já pensou? Você olha o céu e sabe o que as nuvens estão dizendo umas para as outras.

Tem os Tuaregue, que fazem previsão do tempo lendo as dunas do deserto.

Tem mulheres na Bahia, as mães de santo, que leem a sorte nas conchinhas do mar.



Tem gente que lê de tudo: bula de remédio, manual de máquina de lavar roupa, lista telefônica.

Tem gente que lê até o que está escrito no silêncio, disse uma vez a tia Lígia, minha primeira professora.

Mas eu conheci só um homem que sabia ler as pessoas: meu pai. Você não entendeu mal... É isso mesmo: meu pai sabia ler as pessoas.



● B

SÓ AGORA, QUE CRESCI UM POUCO, comecei a entender essa habilidade do meu pai. E não é segredo, não. Estou aqui justamente para explicar. Até porque contar a história do meu pai é um jeito que encontrei de estar com ele de novo.

E não há nada mais gostoso do que ficar junto de uma pessoa querida.

Nem cachorro-quente.

Nem batatinha frita.

Nem brigadeiro.

Aliás, o cachorro-quente, a batatinha frita e o brigadeiro eram bem mais gostosos quando eu estava com meu pai.

Sempre que íamos ao centro da cidade, nem bem nos aproximávamos da lanchonete da galeria de lojas, eu já ia pedindo o que estava a fim de comer. Depois de devorar tudo, eu o arrastava para uma loja de brinquedos e ficava



lá vendo os carrinhos Hot Wheels, os aviõezinhos, os cartuchos de *videogame*.

Todas as vezes pedia para ele comprar um presente para mim, e não tinha uma que ele me atendia.

— Pra que comprar? Não é maravilhoso a gente vir aqui quando quiser, filho, e olhar todos esses brinquedos? — meu pai falava.

Eu consentia, mas queria ter alguns em casa, para poder brincar e passar o tempo que quisesse com eles.

Para compensar, quando menos eu esperava, ele resolvia dar um brinquedo para mim.

Estávamos lá, olhando as vitrines, já quase para ir embora.

— Escolhe um, filho — ele dizia de repente.
— Vou comprar pra você.

Essa foi uma das coisas mais legais que aprendi com ele, que a felicidade é uma coisa inesperada.

Teve uma vez que passamos a manhã inteira olhando as vitrines. Vimos todas. E sem pressa, do jeito que eu queria. Daí, fomos para a lanchonete, e comi de tudo que eu adoro.